

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: PERCEPÇÃO DE ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO SOBRE INFECÇÃO E PREVENÇÃO DO HIV

Recebido em: 24/07/2023

Aceito em: 22/08/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-025

Francisco Eliando Silva Oliveira ¹
Regina Célia Pereira Marques ²
Pablo de Castro Santos ³

RESUMO: A adolescência é a fase da vida caracterizada por profundas transformações que são próprias do processo de amadurecimento humano na construção de sua identidade intelectual e sexual, sendo esta, marcada, muitas vezes, pela atividade sexual desprotegida e gerando um problema de saúde pública com novos desafios éticos para a saúde e educação. A escola tem papel fundamental na prevenção de doenças, dentre as quais a AIDS, por orientar os/as adolescentes para o desenvolvimento de habilidades condicionantes ao exercício de uma vida saudável. Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem quanti-qualitativa que objetivou analisar a percepção de 75 alunos/as entre 14 e 19 anos de três escolas de ensino médio de um município do interior cearense, acerca dos desafios enfrentados pelos alunos/as na efetivação do conhecimento adquirido nesta etapa da educação básica sobre a transmissão e prevenção do vírus HIV. Os dados foram coletados em fevereiro de 2020, por meio de questionário estruturado com perguntas discursivas e fechadas de múltipla escolha, respeitando às considerações éticas propostas nas Resoluções 466/12 e 510/16 e aprovado no Comitê de Ética da UERN. Os dados revelaram que a escola é a principal fonte de transmissão de informações sobre prevenção ao HIV, tratando o assunto principalmente nas aulas da disciplina de biologia. Os/as alunos/as, em sua totalidade, reconheceram o preservativo como uma forma preventiva ao vírus, apesar que muitos consideraram o acesso limitado. No estudo, mais da metade dos escolares relataram que a exposição ao vírus HIV se dá por falta de consciência e atitude própria dos/as adolescentes, onde um considerável percentual se julga mal informado e possui dúvidas relacionadas ao tema. Concluiu-se que há a necessidade de campanhas preventivas específicas para a desconstrução da falsa percepção de informação efetiva desta população, sendo a escola o ambiente privilegiado para a construção de diálogos cooperativos sobre saúde sexual e a prevenção do vírus HIV.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; HIV; Escola; Prevenção.

EDUCATION AND SEXUALITY: PERCEPTION OF HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT HIV INFECTION AND PREVENTION

ABSTRACT: Adolescence is the phase of life characterized by profound transformations that are proper to the process of human maturation in the construction of their intellectual and sexual identity, being marked, often, by unprotected sexual activity and generating a

¹ Mestre em Ensino de Biologia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: eliandooliveira@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0258-7258>

² Doutora em Ciências Biológicas. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: marques.regina@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5172-0441>

³ Doutor em Bioquímica. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: pablocastro@uern.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0081-9609>

public health problem with new ethical challenges for health and education. The school plays a fundamental role in the prevention of diseases, among which AIDS, by guiding adolescents to develop skills that condition the exercise of a healthy life. This is an exploratory descriptive study with a quanti-qualitative approach that aimed to analyze the perception of 75 students between 14 and 19 years old from three high schools in a municipality in the interior of Ceará, about the challenges faced by students in the realization of the knowledge acquired in this stage of basic education about the transmission and prevention of HIV. The data were collected in February 2020, through a structured questionnaire with multiple-choice closed and discursive questions, respecting the ethical considerations proposed in Resolutions 466/12 and 510/16 and approved in the Ethics Committee of the UERN. The data revealed that the school is the main source for transmitting information on HIV prevention, dealing with the subject mainly in the biology classes. The students, in their entirety, recognized condoms as a preventive form of the virus, although many considered access limited. In the study, more than half of the students reported that exposure to the HIV virus is due to a lack of awareness and attitude specific to adolescents, where a considerable percentage believe themselves to be poorly informed and have doubts related to the theme. It was concluded that there is a need for specific preventive campaigns to deconstruct the false perception of effective information of this population, with the school being the privileged environment for the construction of cooperative dialogs on sexual health and HIV prevention.

KEYWORDS: Adolescence; HIV; School; Prevention.

EDUCACIÓN Y SEXUALIDAD: COMPRENSIÓN DE LAS ESCUELAS SUPERIORES SOBRE INFECCIÓN Y PREVENCIÓN DEL VIH

RESUMEN: La adolescencia es la fase de la vida caracterizada por profundas transformaciones que son específicas del proceso de maduración humana en la construcción de su identidad intelectual y sexual, marcadas, a menudo, por la actividad sexual desprotegida y generando un problema de salud pública con nuevos desafíos éticos para la salud y la educación. La escuela desempeña un papel fundamental en la prevención de las enfermedades, incluido el SIDA, al orientar a los adolescentes a desarrollar aptitudes que estén condicionadas a una vida sana. Se trata de un estudio exploratorio descriptivo con enfoque cuantitativo-cualitativo que buscaba analizar la percepción de 75 alumnos de entre 14 y 19 años de tres escuelas secundarias de un municipio del interior de Ceará, sobre los retos a los que se enfrentan los alumnos en la efectividad de los conocimientos adquiridos durante esta etapa de la educación básica sobre la transmisión y prevención del VIH. Los datos se recogieron en febrero de 2020 mediante un cuestionario estructurado con preguntas discursivas y cerradas de elección múltiple, respetando las consideraciones éticas propuestas en las resoluciones 466/12 y 510/16 y aprobadas por el Comité de Ética de la UERN. Los datos revelaron que la escuela es la principal fuente de transmisión de información sobre la prevención del VIH, que se ocupa principalmente de las clases de disciplina biológica. Los estudiantes en su totalidad reconocieron el preservativo como una forma preventiva del virus, aunque muchos consideraron que el acceso a él era limitado. En el estudio, más de la mitad de las escuelas informaron de que la exposición al virus del VIH se debe a la falta de conciencia y actitud de los propios adolescentes, donde un porcentaje considerable de ellos se consideran mal informados y tienen dudas sobre el tema. Se ha llegado a la conclusión de que es necesario realizar campañas preventivas específicas para deconstruir la falsa percepción de información efectiva para esta población, siendo las escuelas el entorno preferido para la

construcción de diálogos cooperativos sobre salud sexual y la prevención del virus del VIH.

PALABRAS CLAVE: Adolescencia; VIH; Escuela; Prevención.

INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase da vida humana caracterizada por profundas transformações anatomofisiológicas, sociais e mentais próprias do processo de amadurecimento humano na construção de sua identidade pessoal que se dá através de múltiplas experiências de autoconhecimento e constitui um importante pilar da saúde humana (SANTOS et al., 2019).

Na adolescência, a sexualidade e sua iniciação são destacadas como um rito de passagem envolvendo distintos caminhos entre a infância e a adolescência (RIBEIRO; MAGALHÃES, 2017). A sexualidade tem uma dimensão especial na adolescência, porque manifesta nessa fase a capacidade reprodutiva do ser humano e a configuração de sua identidade sexual que, na maioria das vezes, é buscada em experiências sexuais exploratórias e banalizadas, ficando o início da atividade sexual ligado a situações de risco e experiências pouco prazerosas (BRÊTAS et al., 2011).

A atividade sexual desprotegida entre adolescentes é um problema de saúde pública e traz novos desafios éticos para a saúde, embasados na promoção das transformações socioculturais e de qualidade das relações humanas. De acordo com o boletim epidemiológico de 2018, diversos perfis da epidemia de infecções sexualmente transmissíveis no Brasil apontam acréscimo em municípios com menos de 50 mil habitantes, com tendência de crescimento relevantemente nas regiões Norte e Nordeste (BRASIL, 2019b).

A pandemia da AIDS, nos dias de hoje, ocupa um novo e vasto cenário de infecção. As populações mais vulneráveis, atualmente, são de jovens com níveis socioeconômicos mais baixo e do interior do país. A atenção às infecções sexualmente transmissíveis passou a figurar como serviço efetivo com o advento da pandemia do Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, cujos fatores econômicos, sociais, de segurança e dificuldade de acesso aos cuidados com a saúde aumentam a vulnerabilidade ao vírus e o desenvolvimento da doença (BRASIL, 2017).

Segundo Plutarco et al. (2019), muitos estudos acerca do comportamento social e sexual em humanos vêm sendo produzidos nos últimos anos buscando, em sua maioria, compreender quais variáveis estão relacionadas a estes comportamentos onde a idade de

infecção por HIV está se tornando cada vez mais precoce e presente. Estima-se atualmente que 11,8 milhões de pessoas, com idades entre 15 a 24 anos, vivem com HIV/AIDS em todo o mundo. No Brasil, a faixa etária de 20 a 34 anos representa um percentual de 52,7% dos casos (BRASIL, 2019b).

A infecção pelo vírus da AIDS se mostra multifacetada nas diversas esferas sociais, econômicas, culturais e etárias, gerando novos olhares para políticas de prevenção que retardem o avanço dos índices epidemiológicos em todo o mundo. Compreender os fatores ligados ao comportamento das pessoas jovens frente à doença é importante para conter a infecção e desenvolver estratégias de prevenção específicas para este público (CRUZ et al., 2018).

Para Xavier Filha (2009), refletir sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente permite aos envolvidos, na perspectiva de uma educação para a(s) sexualidade(s), novas formas de pensar, questionar e construir saberes. Esse processo deve ser contínuo na vida de qualquer pessoa uma vez que a sexualidade transcende os aspectos meramente físicos e envolve também a inteligência, as emoções e o espírito (LOURO, 2014). O acesso às informações sobre prevenção dentro da escola é a melhor estratégia para o controle de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência e em todas as fases da vida.

A formação de atitudes, condutas e desenvolvimento de papéis ocorrem com o conhecimento adquirido na escola, nos meios de comunicação e em grupos. (POTTER; PERRY, 2009). Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de alunos(as) do ensino médio acerca dos desafios enfrentados na efetivação do conhecimento adquirido sobre a transmissão e prevenção do vírus HIV na escola.

O estudo visou relacionar os conhecimentos adquiridos entre os escolares às práticas de prevenção, justificado pelos dados epidemiológicos de infecção por HIV numa população jovem e, supostamente, informada dos mecanismos de transmissão. A relevância está fundamentada na avaliação que pode ser feita a respeito da eficácia do processo de ensino sobre o tema nas escolas e na capacidade de incorporar junto aos discentes, os conceitos de um desenvolvimento biopsicossexual saudável.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), essa maratona propõe, à escola, levantar questionamentos pedagógicos de como reavaliar suas práticas no ensino de modo a fornecer aos adolescentes, elementos essenciais para o processo de tomada de decisões seguras que garantam o pleno exercício do seu direito à saúde.

METODOLOGIA

A pesquisa foi do tipo exploratória e descritiva com abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa exploratória objetiva encontrar soluções para problemas propostos já que é baseada no raciocínio lógico e sistematizado, familiarizando-se com o fenômeno ou obtendo uma nova percepção dele (ANDRADE, 2010). O ponto relevante na pesquisa qualitativa é a aproximação do pesquisador em relação aos fenômenos estudados focando maior importância no contexto do objeto estudado bem como a interpretação das variáveis em que se dá o fenômeno (LAKATOS; MARCONI, 2010). A pesquisa quantitativa fornece informações precisas e de fácil entendimento no campo abordado, enquanto a qualitativa se preocupa com o aprofundamento da compreensão de determinado grupo social (COELHO, 2014).

A partir da escolha metodológica, a pesquisa se deu em três Escolas Estaduais Públicas de Ensino Médio inseridas no Município do Barro/CE. A amostra da pesquisa foi constituída por 75 alunos(as) que aceitaram participar do estudo, após autorização dos pais ou responsáveis, para os menores de 18 anos, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Os sujeitos que constituíram a amostra foram recrutados das três séries do ensino médio (1º, 2º e 3º anos). Foram mantidos dois contatos com a população de interesse. Primeiro contato: apresentação do projeto e leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, bem como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Segundo contato: preenchimento do questionário da pesquisa.

O questionário foi formado por dois blocos, o primeiro bloco de perguntas de múltipla escolha e o segundo bloco de duas perguntas abertas, procurando atender às premissas da pesquisa quanti-qualitativa, com ênfase no objetivo deste estudo.

Os dados foram coletados em fevereiro de 2020, organizados em tabelas e gráficos, analisados e discutidos à luz da literatura pertinente à temática. O programa para a tabulação dos resultados foi o Microsoft Excel, pela facilidade de inclusão de dados e fornecimento de ferramentas para efetuar a análise desses. Ao analisar o discurso proposto nas perguntas abertas do questionário buscou-se dar ênfase no discurso como uma forma de ação, focando a convicção da organização retórica do discurso da amostra e a interpretação do que pensam sobre o assunto da pesquisa.

O projeto da pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de estudantes abordados, 75 aceitaram participar da pesquisa e constituíram a amostra com faixa etária entre 14 e 19 anos de idade (Quadro 1). Um percentual de 62% que compuseram a amostra era do sexo masculino e 38% do sexo feminino.

Quadro 1. Número e percentual de estudantes, em relação à faixa etária, participantes da pesquisa.

FAIXA ETÁRIA (anos)	N	%
14	04	5
15	12	16
16	22	30
17	19	25
18	12	16
19	06	8
TOTAL:	75	100.0

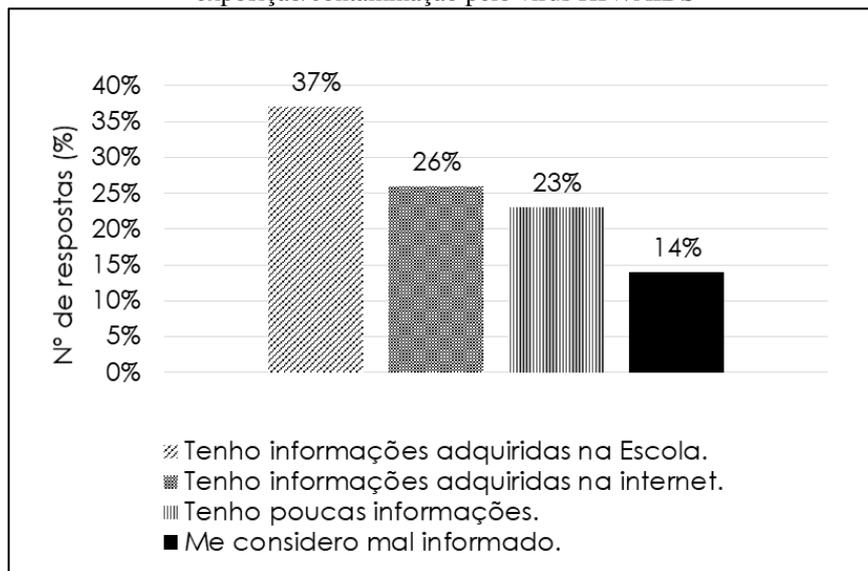
*N - número; % - percentual.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Do número de alunos pesquisados, 8% apresentaram idade superior a 18 anos, fato justificado por algumas das escolas estarem localizadas em um distrito e atender exclusivamente alunos de zona rural e com distorção idade-série. No tocante a este tópico, os dados ainda revelaram que 76% dos entrevistados estão na faixa etária abaixo dos 18 anos de idade, classificados assim como menores na legislação brasileira prevista no ECA.

A Figura 1 expõe os resultados do questionário em relação ao conhecimento sobre o HIV/AIDS no que diz respeito às informações sobre os riscos de exposição e contaminação dos estudantes pelo vírus. A pesquisa demonstra que para 37% dos alunos a escola é a principal fonte de informação sobre o assunto, seguindo de 26% dos alunos que dizem ter informações adquiridas via internet. Pôde-se observar que 23% e 14% dos estudantes se julgam pouco ou mal informados, respectivamente, em relação aos mecanismos de prevenção e meios de contaminação do HIV.

Figura 1. Dados obtidos mediante o questionário aplicado durante a pesquisa aos alunos sobre os riscos da exposição/contaminação pelo vírus HIV/AIDS



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Os resultados da presente pesquisa demonstram que o ambiente escolar continua sendo o refúgio para as dúvidas relacionadas à sexualidade, sendo papel desta instituição problematizar práticas e conceitos naturalizados na sociedade, deixando que o estudante tire suas conclusões e entendimentos ao mesmo tempo que questione discursos ditos como verdades absolutas.

Se a escola não incorporar a discussão sobre os diferentes modos de amar e viver a sexualidade em seus espaços educativos, a compulsoriedade do sexo nos relacionamentos precoces entre os jovens continuará a reproduzir sujeitos que, por se sentirem fora da normatividade – pior, abaixo dela, continuarão sua trajetória nos padrões sexuais sem nenhum mecanismo preventivo às ISTs (OLIVEIRA e VIANA, 2017).

O conhecimento acerca do HIV/AIDS, suas formas de contágio e prevenção, é o fator primordial para o controle da pandemia. A escola tem a função de informar sobre isto aos seus alunos para que não somente eles se protejam, mas protejam também os seus parceiros afetivos, já que a forma e transmissão, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, entre indivíduos com 13 anos ou mais, continua sendo a via sexual, tanto em homens quanto em mulheres (BRASIL, 2019a). Um estudo sobre conhecimento de alunos do 3º ano do ensino médio sobre o HIV, realizado em 2016 revelou que a escola é a principal fonte de informação a respeito das Infecções Sexualmente transmissíveis – ISTs, entre os estudantes da educação básica (OLIVEIRA, 2017).

Para Junqueira (2017), pensar na educação para a sexualidade enquanto proposta conceitual e pedagógica é uma forma de se apresentar a transitoriedade de nossas

identidades e denunciar as violências já tão banalizadas e naturalizadas pelo meio social onde vivemos. Esse pensamento enseja possibilitar que novos questionamentos sejam acionados como vivência de prazeres e desejos dos alunos, despertando a curiosidade e fugindo dos padrões, normas e regras impostas.

A Figura 2, sumariza os dados obtidos, quando questionado aos alunos, em relação à abordagem da Escola sobre sexualidade e prevenção ao HIV. Para os estudantes: 17% afirmaram que a instituição de ensino trata a temática com interdisciplinaridade, 18% consideram que o assunto parece ser polêmico para ser debatido na escola, 8% relataram que o assunto não é abordado na escola e 57% disseram que o assunto é trabalhado nas aulas de biologia.

A escola existe para propor experiências que alterem o comportamento dos alunos e é um espaço privilegiado que agrega grande parte dos adolescentes da comunidade, constituindo um espaço de socialização, formação e informação. Ela deve estar pronta para participar de todo este processo e principalmente na garantia de que os alunos embarquem nesta nave de conhecimentos.

Figura 2. Dados obtidos mediante o questionário aplicado durante a pesquisa aos alunos sobre a abordagem da Escola sobre Educação sexual e prevenção ao HIV



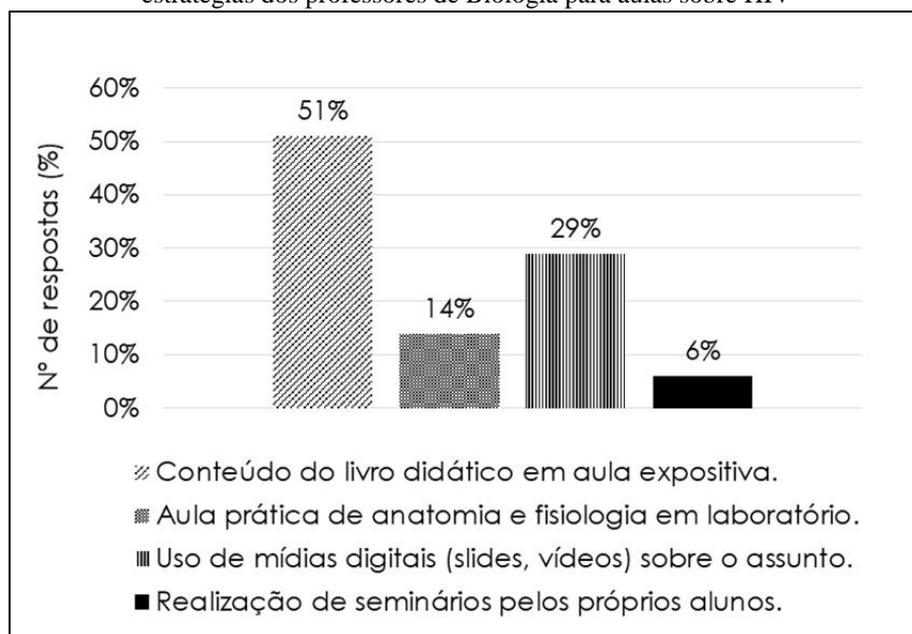
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Um estudo realizado por Carvalho, Pinto e Santos (2018), em escolas públicas do interior maranhense, apontou que 51,8% dos adolescentes afirmam receber informações importantes sobre o HIV principalmente na Escola. A discussão sobre sexualidade na escola tem sido um campo de disputa caracterizado por avanços e retrocessos

(OLIVEIRA; VIANA, 2017). Se por um lado os programas do governo, em suas normativas, recomendam a abertura de diálogos sobre saúde sexual e reprodutiva, por outro, poucos são os investimentos na qualificação dos profissionais para isto. Além disso, Santos et al. (2019) cita que, com frequência nos currículos, há uma valorização dos aspectos biológicos em detrimento daqueles relacionados à construção social da sexualidade e sua ligação com a saúde dos jovens.

A Figura 3, com foco na prevenção de ISTs, demonstra as estratégias utilizadas pelos professores de Biologia em sala de aula para trabalharem a temática. A aula expositiva com o livro didático foi citada por 51% dos escolares como principal estratégia de ensino para abordar o assunto sobre HIV/AIDS pelos professores de biologia nas escolas estudadas.

Figura 3. Dados obtidos mediante o questionário aplicado durante a pesquisa aos alunos sobre a estratégias dos professores de Biologia para aulas sobre HIV



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Não é apenas o professor de biologia que deve estar preparado para lidar com temas relacionados à sexualidade, mas sim a escola como um todo. As sexualidades devem ser alvos de atenção de todas as áreas do conhecimento, buscando implementar ações que resultem na construção da cidadania dos envolvidos. Para Theodoro e Brunini (2018), não depende somente de palestras informativas, mas do desenvolvimento e da capacidade individual e coletiva de promover mudanças de atitudes e comportamentos. Trata-se de preencher lacunas nas informações que os adolescentes já possuem e,

principalmente, criar possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado anteriormente sobre o assunto (BRASIL, 1997).

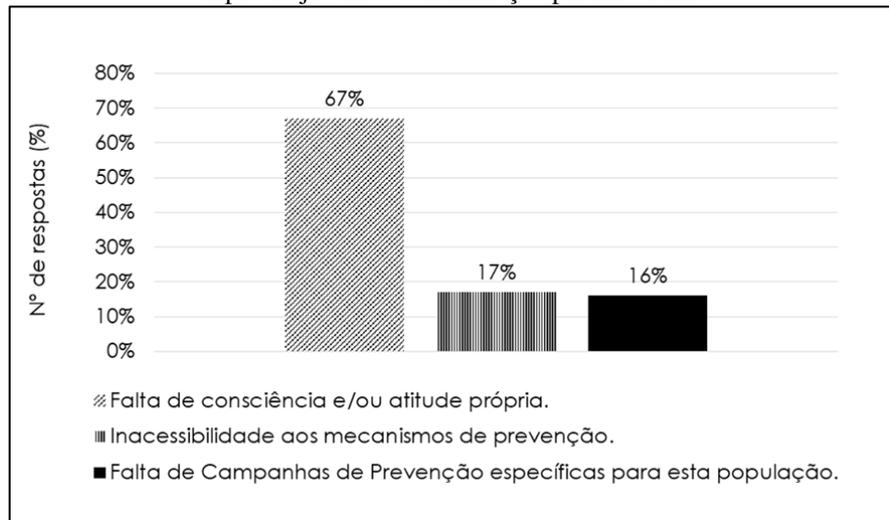
De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, na área de Ciências Naturais, prioritariamente o ensino da biologia, deve priorizar o desenvolvimento de assuntos ligados à saúde do estudante, ao seu corpo humano, à adolescência e à sexualidade (BRASIL, 2006). Para Xavier Filha (2014), os livros didáticos ainda trazem uma linguagem impositiva e normativa sobre o assunto, levando a dizer o que é considerado correto na educação dos jovens. Isso é preocupante, visto que, além de informar, os livros devem instigar o próprio leitor a se questionar e a se gerir.

As informações reafirmam que a sexualidade, na escola atual, continua objeto de estudo apenas nas aulas de biologia em sua perspectiva reducionista, baseada na abordagem dos conteúdos sobre doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e reprodução. De acordo com Xavier Filha (2014), esse modelo de ensino desvaloriza os aspectos sociais, culturais e afetivos e dificulta um trabalho voltado para o respeito às diferenças dos indivíduos.

A sexualidade na escola pode e deve ser discutida sobre diversos ângulos, fortalecidos por todas as estratégias possíveis para que as crianças e adolescentes desenvolvam a comunicação nas relações interpessoais, elaborem valores, compreendam o próprio comportamento e tomem decisões responsáveis (THEODORO; BRUNINI, 2018). A abordagem deve respeitar a autonomia do adolescente em conformidade com os princípios de confiabilidade e privacidade entre os envolvidos, requisitos indispensáveis para estabelecimento e fortalecimento de uma relação mútua de confiança e respeito (BRASIL, 2019a).

A Figura 4 sumariza os resultados do questionamento, quando perguntado aos participantes o que mais expõe os jovens à contaminação por HIV. Verificou-se que 67% das respostas corresponderam à “Falta de consciência e/ou atitude própria”, 17% dos adolescentes responderam que a exposição estaria associada a “Inacessibilidade aos mecanismos de prevenção” e 16 % relataram sobre a falta de campanhas específicas para este público, “Campanhas de Prevenção específicas para esta população”.

Figura 4. Dados obtidos mediante o questionário aplicado durante a pesquisa aos alunos sobre o que mais expõe os jovens à contaminação por HIV-AIDS



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As informações expostas (Figura 4) geram uma enorme disparidade entre o que os adolescentes dizem saber e o que eles realmente fazem. O conhecimento sobre a AIDS é o fator mais importante para a prevenção da doença. A escola tem a função de informar - e informa - sobre os meios de transmissão do vírus para que os adolescentes se protejam e protejam seus parceiros. Daí emerge o questionamento do porquê os alunos não fazem desse conhecimento científico um significado pessoal em suas vidas.

É oportuno destacar que a prática sexual faz parte da adolescência e tem começado bem mais cedo entre os jovens atuais. A percepção dos riscos de se infectar pelo vírus da AIDS varia de pessoa para pessoa e sofre mudanças ao longo da vida conforme as pessoas são impulsionadas a viverem seus relacionamentos sexuais (BRASIL, 2019a). Costa, Quadrado e Nunes Filho (2017), classificam o preservativo como melhor mecanismo de barreira para evitar o contato do vírus com a pele e mucosas genitais e que, pelo seu uso fácil, baixo custo e ampla distribuição no país, não deve haver dificuldade de acesso pelos jovens.

O melhor método de prevenção é aquele que o indivíduo escolhe e que atende às suas necessidades sexuais e de proteção (BRASIL, 2019a). No entanto, o uso do preservativo é o que está melhor e diretamente associado ao termo “sexo seguro”. Nesse sentido, deve ser uma estratégia a ser estimulada na adolescência pois existem limitações e o uso regular enseja aperfeiçoamento da técnica de utilização para reduzir as rupturas e desconfortos durante o ato. Existe uma necessidade urgente, ainda que antiga, de desmistificar o uso do preservativo à redução do prazer sexual. Pesquisas apontam que os escolares entre 13 e 17 anos de idade que declararam já terem tido relação sexual

alguma vez na vida, 39.8% disseram não ter usado preservativo na primeira relação (BRASIL, 2019b).

O que estes jovens precisam saber é que essa atividade pode ser desejada e vivenciada plenamente com conhecimento, comunicação e prevenção. Mudar esse comportamento entre os alunos, de conhecer os fatores de risco e se aventurar no instinto momentâneo do desejo, é um grande desafio para a escola. É necessário se aprofundar na temática para conversar, conscientizar e reduzir estigmas relacionados a práticas sexuais e ao HIV. A escola precisa identificar fatores de riscos relacionados, reconhecer práticas e comportamentos e favorecer oportunidades para interações breves sobre mudanças comportamentais.

Em relação ao bloco de questões abertas propostas no questionário, foi perguntado aos participantes, em virtude das altas taxas de infectados por HIV em jovens de 15 a 24 anos e em idade escolar, o porquê estes jovens, sabendo do risco da contaminação, têm relações sexuais desprotegidas e o Quadro 2 expõe as respostas mais relevantes.

Quadro 2. Principais opiniões dos entrevistados sobre os motivos que levam os jovens a relações sexuais desprotegidas

PRINCIPAIS OPINIÕES PROFERIDAS	
1.	Euforia sexual da adolescência
2.	Falta de informação
3.	Curiosidade pelo ato sexual desprotegido
4.	Falta de orientação dos pais
5.	Imaturidade
6.	Emoção compulsiva
7.	Efeito de bebidas ou drogas
8.	Acham preservativo desconfortável
9.	Falta do preservativo no momento
10.	Falta de diálogo com o(a) companheiro(a)
11.	Vergonha de se impor e pedir preservativo
12.	É apenas uma aventura

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

É imprescindível saber que o direito à sexualidade com respeito pelo próprio corpo, de escolher parceria sexual sem medo, culpa, vergonha ou falsas crenças, de decidir sobre fins de reprodução e de ter acesso às informações sobre sexualidade e reprodução que possibilitem as escolhas corretas dos jovens, são direitos sexuais e humanos (BRASIL, 2019a). Para Campos et al. (2014), existe um turbilhão de informações das quais poucas são filtradas corretamente e incorporadas em nossas práticas diárias.

A maneira como os adolescentes vivem sua sexualidade é influenciada por muitos fatores, inclusive por posicionamentos vividos por outros grupos sexuais. Se a qualidade nas relações emocionais e afetivas é permeada por situações vividas significativamente por outras afirmativas, a escola deve estar livre de preconceitos, promovendo um ambiente favorável ao diálogo sobre práticas seguras e possibilitando que o próprio aluno construa suas afirmativas e encontre soluções seguras para as dúvidas propostas (VARELA; RIBEIRO, 2017).

Do ponto de vista social, Taquette, Vilherna e Paula (2004), citam que a influência dos grupos sociais, o baixo poder aquisitivo e a violência, em seus diversos ângulos, estão relacionados com a atividade sexual dos jovens, seja em relação à proteção, como também na iniciação precoce. Nesse sentido, além da escola, outras instâncias da convivência dos adolescentes devem estar atentas à preservação dos direitos destes vulneráveis, como família e outros órgãos de defesa e proteção.

Cerca de um entre cada três adolescentes já tiveram relação sexual, e, no que se refere às faixas etárias, observa-se que a maioria dos casos de infecção por HIV encontra-se na faixa de 20 a 34 anos de idade. Deste número, 20.7% possuem ensino médio (BRASIL, 2019b). Esses dados reforçam que a infecção, supostamente, tenha ocorrido em fase escolar. Mais uma vez, explicitamente, a escola emerge como um importante suporte na promoção do bem-estar e da saúde sexual e reprodutiva dos alunos.

A escola não pode subestimar a necessidade que os alunos têm em externar suas preocupações relacionadas às suas sexualidades, bem como os contextos sociais onde tudo ocorre. Estudos relatam o pensamento que muitos adolescentes têm de que o preservativo diminui o prazer na relação sexual, engessando um posicionamento afirmativo de não querer usá-lo na primeira relação. Esse fato parece contribuir radicalmente para o abandono do uso da camisinha entre os sujeitos, expondo-os à crescente infecção nesta faixa etária (BRASIL, 2017).

Em vista disso, foi questionado aos participantes se eles tinham alguma dúvida sobre prevenção e transmissão do vírus HIV e foram convidados a ficarem a vontade para externarem algo que precisassem saber sobre o assunto. As principais perguntas foram filtradas, analisadas e condensadas e estão dispostas no Quadro 3.

Quadro 3. Principais dúvidas e perguntas sugeridas pelos entrevistados

PRINCIPAIS PERGUNTAS SELECIONADAS	
1.	Como surgiu o vírus da Aids?
2.	Quais os sintomas da Aids?
3.	Como saber se uma pessoa tem Aids?
4.	Tem idade para se contrair HIV?
5.	Uma pessoa que tem HIV e engravida, passa o vírus pro filho na barriga?
6.	O teste rápido para HIV é confiável?
7.	Quais os fatores de risco para contaminação de HIV entre os jovens?
8.	Por que o vírus HIV é tão transmissível?
9.	Sexo anal transmite HIV?
10.	O beijo transmite o HIV?
11.	Beber água no mesmo copo, transmite HIV?
12.	Picada de inseto, transmite HIV?
13.	Relação sexual entre duas mulheres transmite HIV?
14.	A camisinha do SUS é frágil?
15.	É possível pegar HIV mesmo usando camisinha?
16.	Existe vacina para a doença?
17.	Quais as formas de prevenção do HIV?
18.	Qual a diferença entre HIV e Aids?

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As dúvidas relatadas pelos participantes respondem à necessidade de uma prática pedagógica voltada à formação crítica e social dos envolvidos e não apenas ao repasse de conteúdos curriculares e informações já prontas sobre educação sexual e reprodutiva. A temática da sexualidade deve estar presente nas ações de informação, comunicação e educação em saúde desde o ensino fundamental nas escolas, para que os adolescentes tomem ciências dos fatos antes que aconteça a primeira relação sexual de suas vidas.

Pensar na constituição do conceito de “educação para as sexualidades” está diretamente ligado com a forma como os jovens compreendem a sexualidade e os processos desenvolvidos pela educação (VARELA; RIBEIRO, 2017). Este campo do conhecimento tem ganhado profundas transformações nas práticas educativas do século XXI, tornando necessário delimitar o que pensamos e expressamos sobre o assunto, diferenciando nossa ideologia do ponto de vista e universo dos alunos.

Portanto, sendo a escola o principal veículo de informação dos adolescentes, Ribeiro e Magalhães (2017) frisam que é necessário que os professores, embasados nas teorizações produzidas na academia e suas sensibilidades, produzam práticas educativas que se aproximem dos estudantes, compreendendo-os em suas peculiaridades e potencialidades. A superação do modelo tradicional de atenção aos estudantes gera uma proposta promotora de saúde, com a participação efetiva de toda a comunidade escolar, com base no enfrentamento das necessidades específicas do aluno, proporcionando aprendizagem fundamentada e capacidades individuais e coletivas existentes (ANGELIM et al., 2017).

Adolescentes e jovens constituem um grupo populacional que exige novos modos de produzir saúde e educação para a sexualidade. Essa temática deve estar presente nas ações de informação, comunicação e educação em saúde nos espaços escolares e devem ser construídas no coletivo, com a participação dos estudantes. Isto fomenta a escola, sobretudo, a instigar o desenvolvimento de ações críticas, reflexivas e educativas, construindo uma relação de confiança com o aluno. Essas práticas educativas devem transitar os múltiplos espaços da escola para que os alunos consigam inserir nelas os seus saberes, contribuindo para o entendimento e reconstrução de posturas éticas e posicionamentos saudáveis dos sujeitos.

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo indicaram que os participantes portam informações sobre o HIV e seus meios de transmissão, mas que esta falsa percepção de estudantes bem informados sobre o tema, desnuda-se em comportamentos e tomada de decisões que implicam na exposição ao vírus. Pelos achados, e comparados igualmente com outras pesquisas realizadas junto a adolescentes em fase escolar, a prática do sexo seguro, com preservativo, é o fator decisivo na prevenção da contaminação por HIV, sendo o uso da camisinha, um estímulo a ser potencializado em rodas de conversas no ambiente escolar. A escola foi identificada como o ambiente-chave para a educação preventiva e, nesse contexto, possibilidades cooperativas devem ser selecionadas e analisadas pelos profissionais da educação, como ferramentas pedagógicas de auxílio nos espaços escolares que instiguem novas metodologias investigativas de produção de conceitos.

Os resultados apontam para a necessidade de campanhas educativas específicas para a população jovem. Nesse tocante, a educação para a(s) sexualidade(s) na escola deve ser construída a partir do diálogo, da problematização e desconstrução de discursos naturalizados, onde as práticas pedagógicas apontem para uma vivência livre de tabus e preconceitos. Esta postura do “construir coletivamente” fornece aos alunos elementos essenciais para o processo de tomada de decisões seguras e que garantam o pleno exercício do seu direito à saúde sexual. Para isso, alguns obstáculos precisam ser superados, como a qualificação de professores e a ruptura de estigmas das próprias instituições de ensino. Com jovens bem informados, críticos e reflexivos, é possível se reduzir a incidência de HIV/AIDS nesta população, melhorando, assim, a sua qualidade de vida, quiçá de toda a sociedade. Por fim, destaca-se que esse estudo foi produzido a

partir de uma realidade e amostra específicas e desta forma pode não refletir uma realidade global. Porém os achados podem contribuir criticamente para outras realidades distintas e auxiliar no combate ao HIV/AIDS. Espera-se que estudos futuros possam subsidiar novas respostas para ampliar a compreensão e estratégias de combate as ISTs.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio e financiamento do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO (Cód. Fin. 001) e à Universidade do Estado Rio Grande do Norte – UERN pelo apoio Institucional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do Trabalho Científico**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANGELIM, R. C. D. M.; et al. Representações sociais de estudantes de escolas públicas sobre as pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 221-229, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília, 2006. 135 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico - HIV/Aids**. Número Especial. 2019b. Disponível em <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>> Acesso em 28 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, p. 164, 1997.

BRÊTAS, J. R. D. S.; OHARA, C. V. D. S.; JARDIM, D. P.; JUNIOR, A.; OLIVEIRA, J. R. D. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

CAMPOS, M. O.; et al. Comportamento sexual em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, supl. 1, p. 116-130, 2014.

CARVALHO, O.; PINTO, R. G. S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro: NESSA/UERJ, v. 15, n. 1, p. 07-17, jan/mar. 2018.

COELHO, M. N. **Metodologia do Trabalho Científico**: apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos junto à Gamaliel Cursos. 2014.

COSTA, Ana Luiza Chaffe; QUADRADO, Raquel Pereira; NUNES FILHO, Paulo Ricardo. Marcas nos corpos:: em foco o hiv/aids. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa;

MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Furg, 2017. Cap. 16. p. 261-276

CRUZ, L. Z.; et al. Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro: NESSA/UERJ, v. 15, n. 2, p. 07-18, abr/jun. 2018.

JUNQUEIRA, R. D. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (org.). **Debates contemporâneos sobre a educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017, p. 25-52.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, E. R. B.; VIANA, C. Educação e assexualidades: uma das dimensões da desigualdade no universo escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (org.). **Debates contemporâneos sobre a educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, p. 135-148, 2017.

OLIVEIRA, F. E. S. HIV: conhecimento de jovens que concluem o ensino médio. In: **IV Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, 2017, Fortaleza. Anais... Fortaleza: EdUECE, p.1688-1696, 2017.

OLIVEIRA, Francisco Eliando Silva. **Educação e sexualidade**: produção de uma cartilha sobre a prevenção do vírus HIV na adolescência. 2020. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ensino de Biologia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

PLUTARCO, L. W.; et al. influência da confiança no parceiro na decisão do uso da camisinha. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 220-233, 2019.

POTTER, P. A.; PERRY, A. G. **Fundamentos de Enfermagem**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

SANTOS, L. G. M.; et al. Projeto fala sério! Uma revisão bibliográfica sobre os aspectos educacionais das escolas médicas no brasil e a importância do ensino sobre educação sexual aos futuros profissionais de saúde. **Extendere**, v. 7, n. 1, 2019.

TAQUETTE, S. R.; VILHERNA, M. M.; PAULA, M. C. de. Fatores associados à iniciação sexual genital: estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro: NESSA/UERJ, v. 1, n. 3, p. 17-21, set. 2004.

THEODORO, M. dos S.; BRUNINI, B. C. C. B. Diversidade sexual e gênero: concepções de adolescentes e o trabalho educativo em saúde. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 55-80, jan./jun. 2018.

VARELA, C. M.; RIBEIRO, P. R. C. Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual. In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (org.). **Debates contemporâneos sobre a educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, p. 11- 25, 2017.

XAVIER FILHA, C. Educação para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos. In: XAVIER FILHA, Constantina(org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

XAVIER FILHA, C. Gênero, sexualidade e diferença em livros para a infância. In: MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. (Org.). **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 231-246, 2014.